

RODAS, CORPO E SILENCIAMENTOS: UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS NA MÍDIA SOBRE A DANÇA EM CADEIRA DE RODAS

Eliana Lucia Ferreira¹

José Guilherme de Andrade Almeida²

Resumo: Com caráter exploratório-descritivo, esta pesquisa tem por objetivo elucidar o processo de produção de sentidos nos discursos postos em circulação pela mídia impressa sobre a dança em cadeira de rodas. Foram analisadas cinco reportagens a partir dos pressupostos da Análise de Discurso Francesa, com os quais identificamos a tensão característica dos processos de mudança social e de sentido sobre o termo “inclusão”. Por um lado, há sentidos de valorização e equidade que filiam esta inclusão ao paradigma inclusivista, especialmente quando a dança em cadeira de rodas está inserida em espaços direcionados ao público em geral. Contudo, a deficiência aparece como tema de valor, sendo explorada pela mídia em detrimento da pessoa que a possui, o que mobiliza relevantes filiações ao paradigma integracionista. A valorização da diferença apaga a pessoa e produz o silenciamento da dança, do corpo, do artista e de possíveis equidades, promovendo a manutenção de sentidos depreciativos e uma singular distinção onde parece mais conveniente incluir a deficiência do que a pessoa que a possui. Diante desta realidade, se faz necessário investir em ações educativas na sociedade a fim de refutar e reformular tais sentidos depreciativos, ao mesmo tempo em que se desenvolvem condições materiais para subsidiar uma inclusão completa, da pessoa e de suas características.

Palavras-chave: Inclusão; Pessoa com Deficiência; Dança; Cadeira de Rodas; Análise de Discurso.

Wheels, Body and Silencing: An Analysis of Discourses in Media About Wheelchair Dance

Abstract: Wirth an exploratory-descriptive character, tis research aims to elucidate the meaning production process in the discourses circulated by the printed media about wheelchair dancing. Five reports were analyzed based on the assumptions of French Discourse Analysis, with which we identified the characteristic tension of the processes of change in the social and meaning on the term “inclusion”. On the one hand, there are senses of valorization and equity that link this inclusion to the inclusivist paradigm, especially when wheelchair dancing is inserted in spaces aimed at the general public. However, disability appears as a topic of value, being explored by the media to the detriment of the person who has it, which mobilizes relevant affiliations to the integrationist paradigm. The appreciation of difference erases the person and produces the silencing of the dance, the body, the artist and possible equities, promoting the maintenance of derogatory meanings and a singular distinction where it seems more convenient to include the disability than the person who has it. Faced with this reality, it is necessary to invest in educational actions in society in order to refute and reformulate such derogatory meanings, at the same time that material conditions are developed to subsidize a complete inclusion of the person and their characteristics.

Keywords: Inclusion; Person with Disabilities; Dance; Wheelchair; Discourse Analysis.

¹ Professora Titular do Depto. de Fundamentos da Faculdade de Educação Física (UFJF), Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação - FAGED/UFJF e professora colaboradora do Programa de Mestrado em Educação Inclusiva em Rede Nacional - PROFEI/UNESP. E-mail: pesquisasalmeida.jga@gmail.com

² Doutorando em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense. Professor de Educação Física da Secretaria Municipal de Educação de São Gonçalo - RJ e da Fundação Municipal de Educação de Niterói - RJ. E-mail: almeida.jga@gmail.com

Introdução

Ser humano é ter atado ao seu corpo, a possibilidade da expressão e do reconhecimento de si. Portanto, quando os discursos pró-inclusão e os movimentos de promoção da acessibilidade começam a ganhar espaço, como vem ocorrendo nas últimas décadas (SILVA, 1987; SASSAKI, 1999), o que está em jogo vai além de dar acesso, mas evoca a restituição do direito de se mover, se comunicar, criar e, principalmente, pertencer. Nessa guisa, ganham valor os esportes direcionados às pessoas com deficiência, as atividades físicas inclusivas e as práticas artísticas plurais como a dança em cadeira de rodas.

Essa última é uma atividade relativamente recente no cenário brasileiro, cujas primeiras ações registradas datam dos anos 1980, galgando maior estruturação e fomento na virada do século XX para o XXI, cujo marco nacional é a fundação da Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas em 2001 (FERREIRA, 2003; BARRETO, 2011).

Existem duas grandes divisões desta atividade: a dança artística em cadeira de rodas, cujo objetivo é a fruição estética e a exploração do potencial comunicativo do corpo em múltiplos ritmos e técnicas, sendo geralmente construída a partir dos conhecimentos dos professores e coreógrafos a frente do trabalho; e a dança esportiva em cadeira de rodas, que se alimenta da dança de salão e da dança esportiva praticada por pessoas sem deficiência para se constituir como esporte de caráter competitivo a nível internacional (FERREIRA, 2011; MORAES; ALMEIDA, 2014).

Como evidencia Ferreira (1998; 2003), a dança em cadeira de rodas põe em movimento sentidos diversos, os quais vão desde as emoções da vida cotidiana, o desejo de liberdade, a luta contra o preconceito, até o constituir-se como sujeito da dança para além dos limites imputados ao corpo biológico. Em suas palavras:

O discurso da dança em cadeira de rodas materializa formas de vida numa sociedade. Entendê-la nas circunstâncias mais diversas, significa, também, compreender como nos conduzimos na sociedade e como a percebemos (FERREIRA, 2003, p. 217).

De modo similar, Gaio e Góis (2006), ao valorizar a diversidade constitutiva do ser humano, apontam para a dança como um meio de comunicação de ideias, falas e expressão dos diferentes e sobre as diferenças. Nela o corpo é produto e produtor de sentidos no/pelo movimento.

Contudo, os sentidos não são uniformes, nem são mobilizados da mesma forma nos diferentes lugares. Especialmente nos anos recentes, quando a inclusão se tornou termo em voga e nos quais “sujeitos marcados pela diferença passam a figurar em posição destacada” (MEDEIROS, 2014, p. 55), se faz necessário questionar os sentidos evidentes, as falas comuns e desnaturalizar o cotidiano para melhor compreender seu funcionamento.

Considerando a exemplo de Medeiros (2014) que a mídia se localiza em um lugar de (re)produção permanente do discurso posto em circulação e que seus efeitos de sentido repercutem nas instituições sociais ao regular a prática dos sujeitos, é de se esperar que sentidos de estigma e exclusão mobilizados pelo corpo com deficiência (cf. GOFFMAN, 2008) permaneçam no discurso, ainda que assumindo outras formas, produzindo equívocos como os indicados por Cavallari (2014) e Baldim (2020).

Há muitas pesquisas que tencionam as mídias em relação à inclusão (CRUZ; MOURA, 2012; SILVA; MALUF-SOUZA, 2020; SIMONELLI, 2020) e à deficiência (GONÇALVES; ALBINO; VAZ, 2009; HILGEMBERG, 2014; SANTOS *et al*, 2019), geralmente evidenciando uma reprodução do discurso integracionista e valorizando o fazer individual da pessoa com deficiência, seja na sua “força para superar obstáculos”, ou na ausência de “capacitação para o mercado de trabalho”. Contudo, não encontramos pesquisas que abordem diretamente a dança em cadeira de rodas no contexto midiático.

Diante deste quadro, precisamos compreender como os sentidos de inclusão, de dança e de corpo vêm sendo postos em circulação nas reportagens sobre a dança em cadeira de rodas, a fim de que a potência desta arte/esporte não seja apagada no movimento de (re)produção e que o processo de inclusão possa vir a ser efetivado em suas múltiplas dimensões, mais especificamente aqui, subsidiando um olhar crítico sobre alguns conceitos que atravessam as pessoas com deficiência.

Metodologia

Para a presente pesquisa, de caráter exploratório-descritivo, nos valem da Análise de Discurso na vertente francesa de Pêcheux (2009) e Orlandi (2013), a qual se ocupa em compreender os processos interpretativos e o funcionamento dos sentidos no discurso através de sua materialidade sócio-histórica.

Segundo Orlandi (2013), os sentidos não estão prontos ou acabados, mas estão se fazendo por meio da ação da ideologia, criando relações com os sentidos já-ditos

(interdiscurso) e com as condições atuais de sua produção, mobilizando sentidos específicos (intradiscurso). A ideologia é aqui compreendida como uma relação imaginária estabelecida entre o sujeito e as suas condições reais (materiais) de existência. Uma relação inconsciente e estruturante que direciona a forma como esse sujeito deve significar o material (empírico) a sua volta, e que lhe é imposta quando entra nas relações sociais, ou seja, desde seu nascimento.

Estes sentidos operam no discurso, o qual é um “efeito de sentido entre locutores” (ORLANDI, 2001, p. 63). “Efeito” porque o sentido não está pronto, mas é construído através das múltiplas relações estabelecidos no ato enunciativo. Além da história do dizer e do seu contexto imediato, que foram citados anteriormente, os locutores são igualmente relevantes na produção deste sentido porque ocupam posições-sujeito no discurso, ou seja, não são seres imanescentes ou imutáveis, mas são entrelaçados aos sentidos já que se constituem ao mesmo tempo que estes, na articulação da língua com a história. Como parte integrante do sujeito, o corpo é igualmente atado aos discursos, sendo investido de sentidos mesmo antes de podermos significá-lo conscientemente (ORLANDI, 2012).

A partir destas lentes, estabelecemos como *lócus* da pesquisa uma cia de dança em cadeira de rodas da cidade de Niterói-RJ, a saber, a Cia Holos de Dança-Teatro Inclusiva. Este coletivo artístico amador, fundado em 2012 por uma professora experiente na área da dança e da ginástica inclusiva, se mantém sem subsídios governamentais ou institucionais, e possui significativa atuação dentro e fora do segmento da pessoa com deficiência, a saber, ministrando cursos e palestras, apresentando espetáculos, integrando elencos maiores como da abertura e encerramento dos Jogos Paralímpicos Rio 2016 e de escolas de samba do estado; chegando a receber o Prêmio de Cultura do Estado do Rio de Janeiro em 2014.

É válido ressaltar que não existem dados atualizados sobre o quantitativo real de grupos de dança em cadeira de rodas no Brasil, ou no estado do Rio de Janeiro, sendo a Confederação Brasileira de Dança em Cadeira de Rodas a principal fonte de contato com estes grupos. Portanto, a escolha da Cia Holos para a presente pesquisa se deu de forma estratégica, visto que (1) a Cia possui relevantes trabalhos artísticos e importante entrada na dinâmica cultural e acadêmica da cidade; (2) não possui nenhuma instituição ou financiamento que a apoie e possa promovê-la na mídia, de forma que as reportagens sobre a mesma tendem a ser geradas de forma “espontânea”,

ou seja, pelo interesse da própria mídia; (3) disponibilidade de reportagens mais antigas arquivadas pelos seus integrantes.

É importante ainda dizer que grande parte dos saberes desta cia já vem sendo compartilhada pelos seus professores em publicações diversas (ALMEIDA, REIS, BOMFIM, 2015; BOMFIM, ALMEIDA, SANTOS, 2012; BOMFIM, ALMEIDA, 2014), porém, nenhuma análise foi empreendida até o momento sobre os sentidos mobilizados pelo discurso midiático em relação aos trabalhos desta.

Para formar nosso *corpus* analítico, nos valem de reportagens veiculadas por jornais impressos e digitais de ampla circulação na cidade de Niterói e adjacências sobre a cia, publicadas entre 2012 e 2019, respectivamente, o ano de fundação da Cia e o último ano de trabalho antes da paralisação temporária diante da pandemia de COVID-19. Foram selecionadas cinco reportagens, sendo duas publicadas no Jornal O Globo e três no Jornal O Fluminense, todas em seções específicas sobre a região de Niterói. Para facilitar a fluidez da leitura, cada uma delas será identificada com a letra “R”, e um número individual ao longo do texto (ID), conforme consta no Quadro 1.

Quadro 1: Reportagens analisadas

ID	JORNAL	AUTOR(A)	ANO
R1	O Globo	Novaes	2012
R2	O Fluminense	Loureiro	2014
R3	O Fluminense	Frisz	2014
R4	O Fluminense	Soares	2015
R5	O Globo	Amin	2015

Fonte: Os autores (2022)

As reportagens foram analisadas mediante os pressupostos teóricos da Análise de Discurso Francesa, tendo como foco os sentidos mobilizados sobre os temas inclusão, corpo e dança. As interpretações produzidas são discutidas a seguir, destacando trechos das reportagens para exemplificar os achados e apresentando os termos-chave em *itálico* para melhor visualização.

Inclusão e efeitos de sentido

Inclusão, diversidade e pessoas com deficiência, definitivamente são temas interessantes para a mídia atual. Ainda que nem sempre estejam nas principais manchetes, é comum encontrar os temas salpicados entre as notícias e postagens ao longo da semana.

Tal presença se adequa a formação discursiva atual, que estabelece a inclusão e a diversidade como tópicos de elevado valor nas relações sociais. Nesta formação, associamos incluir com ter um bom caráter e, abordar a deficiência, como reflexo do pensamento de vanguarda, ao passo que a ausência destes temas é vista no sentido contrário, como uma postura de exclusão, trazendo associações de desvalor à pessoa ou a instituição. Desse modo, os veículos midiáticos tendem a ser mais bem vistos ao falar sobre a inclusão e seus sinônimos, ainda que esporadicamente.

Contudo, ao colocar discursos sobre a inclusão em circulação, a mídia mobiliza sentidos imbricados nas relações sociais que revelam contradições próprias da sociedade, a qual está sempre em mudança, mas que no caso das pessoas com deficiência e do seu processo de inclusão, passa por um período singular de adequações forçadas: há um novo entendimento sobre a forma como as pessoas com deficiência devem participar da sociedade de modo geral, porém, os sentidos mobilizados e as práticas correlatas à elas ainda se baseiam em perspectivas anteriores. Esses sentidos que permanecem, tendem a se filiar a formas de tratamento indicadas por Silva (1987) e Sasaki (1999) como já ultrapassadas no pensamento especializado, mas ainda presentes no discurso e nas práticas cotidianas.

A primeira reportagem analisada, R1, é representativa deste processo, visto que a mesma opta por substituir o termo “inclusão” por: “diferença”, “diversidade” e “respeito”:

R1 - Evento com atividades culturais e esportivas discute a *diferença*.

R1 - Em 2007, a Marquês de Sapucaí cantou a *diversidade* [...] a canção aborda as *diferenças* e ressalta a importância do *respeito* ao outro.

R1 - [...] o evento não se limita a tratar de deficiências físicas e mentais. O objetivo é sobretudo propor uma reflexão sobre o *respeito* às *diferenças*, inclusive, sexuais e sociais.

A escolha de tais termos não é neutra. Pêcheux (2009) e Orlandi (2012) defendem que o contexto sócio-histórico, bem como, o contexto imediato da enunciação (quem fala, de onde fala, para quem fala, etc.) vão constituir as condições de produção deste discurso. Portanto, utilizar “diferença”, “diversidade” e “respeito” como sinônimos de “inclusão”, ao mesmo tempo em que indica posturas esperadas na relação com pessoas com deficiência, é sintomático de um processo de mudança social importante.

Tais termos visam a superação da perspectiva homogeneizante da população e da exclusão dos diferentes, os quais foram localizados por séculos em situações de desvantagem e/ou de exclusão nas diversas dimensões sociais (econômica, educacional, relacional, de valor, etc.), e agora são impulsionados para uma participação plena na sociedade, ainda que em um lento processo (SILVA, 1987; SASSAKI, 1999).

Em contrapartida, não podemos escorregar para a ingenuidade ao acreditar em uma mudança rápida ou em uma única direção, pois os sentidos permanecem ainda que disfarçados por novos termos e expressões (PÊCHEUX, 2009; ORLANDI, 2012). Portanto, ao referir-se à inclusão de pessoas com deficiência como “diferença” ou “diversidade”, a reportagem arrasta sentidos depreciativos, de distanciamento, de desengajamento, de falta de participação. Como nos lembra Skliar (2003), a diferença e a alteridade tendem a ser apagadas, negligenciadas e rejeitadas, visto que o diferente se aproxima do intolerável. E ainda que a sociedade do século XXI valorize a individualização e esta seja, muitas vezes, expressa por sinais distintivos, Elias (1994) não nos permite esquecer que esta diferença está balizada por limites construídos na/pela sociedade, de forma que amplos desvios da norma tendem a ser objeto de rejeição.

Tal questão pode ser sinalizada ainda nesta reportagem, quando a autora entrevista um dos responsáveis pelo evento foco, a saber, a Semana da Inclusão SESC Rio, e o mesmo sintetiza seu objetivo:

R1 - Cada vez mais, queremos que as pessoas *respeitem* uns aos outros. É necessário viver em *harmonia* para que todos usufruam da vida da melhor forma possível.

Chamamos a atenção para o termo “harmonia”, visto que parece apontar para uma condição prévia de conflito que estaria cessada, ou de diferentes que passam a conviver em paz e a trabalhar bem juntos. Assim, “viver em harmonia” não nega a existência de diferenças - o que é bastante positivo -, mas implica em uma ação das duas (ou mais) partes para construir um estado de pretensão equilíbrio. Este é o conceito atual de inclusão, onde a sociedade é chamada a ver que precisa modificar sua estrutura para possibilitar a participação plena de pessoas com deficiência, ao passo que a pessoa com deficiência precisa aprender os mecanismos disponíveis para

usufruir da vida em sociedade, respeitando suas singularidades (SASSAKI, 1999; BRASIL, 2015).

Porém, apenas o “respeito”, que no discurso é sinônimo da atitude central para a promoção da inclusão, não é suficiente sem ações efetivas na totalidade das dimensões sociais a fim de prover as condições materiais e simbólicas para uma inclusão efetiva. Tal equívoco já foi evidenciado por Cavallari (2014) ao abordar o macrodiscurso político-educacional sobre a inclusão. A autora denuncia uma naturalização do termo “incluir” sem questionamentos de quem, quando e como se deve fazê-lo, geralmente verificando a promoção da inclusão apenas pela presença da pessoa com deficiência. Este foco na presença tende a subvalorizar as condições materiais necessárias; a produzir o apagamento de práticas discursivas e jogos de poder-saber que necessitam de intervenção/modificação a fim de gerar condições objetivas e subjetivas para a inclusão efetiva; e a incentivar a inserção de políticas de inclusão que beiram ao improvisado visto a ausência de organização prévia para sua implementação.

Assim, “inclusão” e seus sinônimos podem apontar para uma atitude que mais se aproxima do paradigma integracionista, cuja perspectiva, segundo Sasaki (1999), almeja que a pessoa com deficiência se adapte para viver em sociedade, enquanto é submetida a condições materiais e simbólicas que constituem barreiras para uma participação social plena, conforme o entendimento atual.

Ventos de mudança

Se as condições ainda não são plenamente favoráveis a inclusão de pessoas com deficiência, o conceito de inclusão mobilizando sentidos mais próximos do entendimento atual defendido pelo segmento das pessoas com deficiência e dos especialistas no tema, aparece em outras reportagens. Em especial, esses sentidos estão presentes naquelas que cobrem a participação da Cia Holos em eventos artísticos fora do segmento da pessoa com deficiência, ou seja, eventos de arte ordinários em que o coletivo está se apresentando junto a cias de dança compostas por pessoas sem deficiência. Veja os recortes de R2 e R3:

R2 - Estar no *cenário geral da cultura* demonstra a qualidade e relevância do nosso trabalho.

R2 - [...] para *mudança de paradigma* da sociedade em relação à capacidade das pessoas com deficiência.

R2 - É uma forma de demonstrar que estamos sendo *inseridos socialmente*.

R3 - [...] o Prêmio [...] significa um avanço no campo das artes e da cultura em relação à inclusão social. *Estar nesse campo geral* e não só no segmento das pessoas com deficiência é a inclusão que desejamos.

É necessário contextualizar tais discursos. Ambos os trechos acima são frutos de duas reportagens do mesmo jornal, publicadas com 75 dias de diferença entre elas, fazendo a cobertura da indicação da Cia Holos e, posteriormente, do recebimento do Prêmio de Cultura do Estado do Rio de Janeiro em 2014. A cia foi indicada como um dos coletivos artísticos representantes de Niterói e adjacências junto a outros coletivos e acabou premiada via voto popular. Ambas as reportagens foram publicadas no formato de entrevista, na qual cada jornalista transcreve trechos das respostas proferidas pela fundadora e diretora da cia ao jornal. Todos os trechos acima foram proferidos pela mesma, que é uma pesquisadora e defensora da inclusão de pessoas com deficiência, portanto, sua fala se alinha com o discurso especializado atual e com uma posição-sujeito de quem detém o saber e é uma representante legítima do segmento, ainda que não seja uma pessoa com deficiência.

Aqui o discurso especializado se contrasta com o discurso dos jornalistas, que reproduzem equívocos do discurso social sobre a deficiência. Por exemplo:

R2 - Há alguém próximo a você que tenha alguma deficiência e tenha te motivado a criar a Cia Holos de Dança?

R3 - Conhecida pelo trabalho de inclusão de cadeirantes no universo da dança [...].

No primeiro trecho (R2) destaca-se o senso comum da história de vida daqueles que atuam em segmentos especializados como o das pessoas com deficiência: são pessoas sensibilizadas com a causa porque foram levadas a esta situação, seja por um familiar que possui deficiência, por terem adquirido a mesma ao longo de sua vida, ou motivos outros não ordinários. Este lugar comum impõe ao trabalho com pessoas com deficiência o *status* de incomum, de algo que foge do cotidiano, como se as pessoas com deficiência não fizessem parte da nossa sociedade e os profissionais das mais diferentes áreas estivessem desobrigados em atender tal público. O discurso dos jornalistas recoloca em funcionamento o paradigma integracionista, mas agora indo além do esforço individual em se adequar a sociedade, para ressaltar a prática de direcionar as pessoas com deficiência a espaços especializados, criados para atendê-las em separado da população em geral.

Este sentido é reforçado no segundo recorte (R3) quando o trabalho da Cia Holos é reconhecido por incluir “cadeirantes no universo da dança”. Aqui, para além

do silenciamento da posição de artista, as pessoas com deficiência são localizadas enquanto excluídas da dança como se a mesma constituísse um universo à parte, inacessível e restrito. Ainda que esta prática tenha sido verdade em alguns segmentos da dança ao longo dos séculos, tal discurso é sintomático da permanência de uma estrutura excludente, a qual elegeria determinadas pessoas por suas capacidades físicas adquiridas e/ou inatas, contrapondo as perspectivas dos principais estudiosos em dança (como por exemplo: OSSONA, 1988 e LABAN, 1984).

Por outro lado, se faz necessário ressaltar que a presença da cia em uma premiação dedicada à cultura em geral - fato que motivou tais reportagens - é sinal de valorização da pessoa com deficiência, como discutimos anteriormente, mas principalmente da inclusão conforme defendemos, já que o prêmio foi concorrido junto a cias não atuantes no segmento das pessoas com deficiência (ainda que venham a cumprir a inclusão para outros segmentos sociais).

Esta presença e o contraste com outros coletivos artísticos fica ainda mais evidente nas reportagens R4 e R5, publicadas por jornais diferentes, mas cobrindo o mesmo evento, a saber, a 5^a Mostra Migrações de Dança Contemporânea da Universidade Federal Fluminense, realizada no teatro da sua reitoria, na zona nobre de Niterói.

Na referida mostra, participaram diversos coletivos de linguagens artísticas diferentes, incluindo companhias famosas no seio da dança como o Grupo Quasar e a Cia de Dança Camaleão, e grupos especializados em linguagens artísticas populares como o grupo de passinho Na Batalha. A estrela principal da mostra foi a primeira bailarina do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, Ana Botafogo, a qual participou com um solo sobre Isadora Duncan acompanhado de piano ao vivo, apresentado na mesma noite que o espetáculo da Cia Holos. Nenhum dos participantes da mostra tinha como foco a inclusão de pessoas com deficiência, porém, a lógica de fusão de linguagens e a exploração do diferente como característica da arte contemporânea, fez com que a participação de uma companhia de dança com pessoas com deficiência fizesse sentido em meio a grupos famosos e ordinários.

Para esta análise, vale apontar a centralidade que a Cia Holos ganhou no rol de imagens que ilustram as duas reportagens dos diferentes veículos midiáticos. Em uma destaca-se a foto da Cia de Dança Camaleão, no outro, a Quasar Cia de Dança. Porém, em ambas reportagens há imagens da atração mais aguardada da mostra, Ana

Botafogo, e igualmente da Cia Holos, cujas fotos selecionadas por cada jornal colocam em evidência a pluralidade da equipe, formada por pessoas com e sem deficiência.

Se o discurso vai além das palavras, mas se constitui de todos os elementos que produzem sentido, a comparação das fotos de duas reportagens sobre o mesmo evento nos permite colocar em evidência a repetição de atrações entre várias, indicando um valor singular para a presença da pessoa com deficiência. Aqui, o ordinário e o diferente ganham centralidade, dividindo as mesmas páginas de jornal, impulsionando ventos de mudança para o processo inclusivo.

Arte, corpo e silenciamentos

Se há avanço nos discursos no sentido de uma inclusão mais efetiva e valorosa, não podemos deixar de expor equívocos ainda presentes, pois a mudança tende a arrastar correntes atadas ao passado que mobilizam sentidos depreciativos e silenciamentos próprios da relação com as pessoas com deficiência.

Esses sentidos não são encontrados apenas nas palavras ditas, mas também no não-dito. Aquilo que é silenciado no discurso fala tão alto quanto as palavras proferidas, já que todo dizer implica em “fazer dizer ‘uma’ coisa, para não deixar dizer ‘outras’” (ORLANDI, 2007, p. 53).

Nas reportagens analisadas, a arte produzida pela Cia Holos é silenciada, por variadas vezes, em detrimento da deficiência. Este silenciamento transparece na ênfase excessiva ao termo “inclusão” ou em termos que mobilizam sentidos distintivos como “cadeirantes”. Tal construção põe em funcionamento um discurso centrado na diferença das pessoas que produzem arte, não na arte que é produzida por pessoas, independente de suas características e singularidades. Podemos exemplificar esta relação nos trechos abaixo, presentes em todas as reportagens analisadas:

R1 - [...] apresentação de *dança de salão de cadeirante* da Cia holos de Dança.

R1 - [...] o projeto [...] oferece aulas gratuitas sobre *o papel da arte no processo de inclusão*.

R2 - Os niteroienses da Cia Holos de Dança concorrem ao Prêmio de Cultura do governo do Rio de Janeiro pelo trabalho de *inclusão pela arte*.

R3 - Conhecida pelo trabalho de *inclusão de cadeirantes* no universo da dança[...].

R4 - [...] a companhia, com *dançarinos cadeirantes* [...].

R5 - E, para mostrar o *potencial inclusivo da arte* e afirmar que tudo é possível, a Cia Holos de Dança, de Niterói, *composta por cadeirantes*, entra em cena [...].

Baldim (2020) denuncia movimento similar em uma análise de reportagens na mídia impressa, indicando que a ampliação da presença de pessoas com deficiência na mídia dá a impressão de que os preconceitos associados à deficiência se encontram em processo de remissão, visto uma pseudo valorização da pessoa com deficiência, inclusive em espaços de valor como o campo da arte e do esporte. Contudo, assim como nos trabalhos já citados de Cavallari (2014) e Medeiros (2014), se observa uma relação de desvalorização da pessoa em detrimento da sua deficiência. Esta, transformada em símbolo de estigma, propaga sentidos negativos ao ser evidenciada para além do que a pessoa é ou faz.

Nos discursos aqui analisados, a arte é significada como ferramenta para a promoção da inclusão, ou enquanto meio para tratar a deficiência, como bem expresso pelo subtítulo da reportagem R3, que chama atenção para o trabalho da Cia Holos caracterizando-o como “Dança libertadora”. Essa construção localiza a dança no extremo oposto da deficiência, que passa a ser vista como limite ou prisão para o corpo de quem a possui. A dança, no entanto, seria a ferramenta para gerar libertação através do movimento. Movimenta-se o imóvel, expressam-se corpos silenciados.

Observe que é possível identificar o uso do termo “limitações” como sinônimo de “deficiência” ao longo dos discursos:

R2 - [...] apresentando espetáculos que *superam os limites* de cada um.
R3 - A dança *liberta*, conecta e integra todos os tipos de pessoas, tenham elas *limitações* ou não.

Desse modo, classificar a arte da pessoa com deficiência como “libertadora” silencia o valor artístico do trabalho produzido, lançando-o para o lugar de terapia ou de recurso para a inclusão social, não importando mais o produto criado ou a estética apresentada. A deficiência ganha proeminência sobre a pessoa e o que ela produz.

É igualmente significativo que nenhuma reportagem traga o termo corpo de forma evidente, nem aborde sinônimos como “movimentos”, “leveza”, “estética”, “força”, ou quaisquer outros que suscitam sentidos relativos ao corpo como produtor da arte apresentada. A maior referência ao mesmo está nas entrelinhas da deficiência e da dança.

Este já é um pensamento usualmente presente no contexto do esporte adaptado e das práticas voltadas a pessoas com deficiência, como expõe o trecho abaixo, uma fala transcrita do entrevistado responsável pela Semana de Inclusão SESC Rio da qual a reportagem trata:

R1 - As atividades esportivas, segundo ele [Rosenhek, entrevistado], têm poder agregador por serem uma ferramenta de lazer, enquanto possibilitam a *superação dos atletas*.

O corpo dos bailarinos (assim como dos atletas) é silenciado pela deficiência. Sendo o corpo, segundo Orlandi (2012), atado aos sentidos enquanto o sujeito é constituído pela língua e pela história, o corpo das pessoas com deficiência é apagado em detrimento de suas marcas, de seus estigmas, e constitui-se como lugar da limitação, da impossibilidade.

Chama a atenção ver o imóvel se movendo, se torna interessante assistir alguém dançando sobre uma cadeira de rodas. Portanto, há um certo lugar de espetáculo para a pessoa com deficiência, onde a própria deficiência é explorada no discurso como central para o entretenimento. É necessário colocar em evidência a deficiência enquanto não-ordinária e silenciar o que é ordinário para produzir o efeito desejado no interlocutor, no caso, o leitor-consumidor das reportagens.

Esta prática discursiva evoca uma sombra na história das pessoas com deficiência, um período quando estas foram constituídas como objeto de exibição e curiosidade em feiras livres, espetáculos e museus na Europa e Estados Unidos durante o século XIX. Sua exibição tinha como objetivo estabelecer uma norma corporal ao evidenciar o diferente para que os demais se adequassem a um padrão pré-estabelecido (COURTINE, 2011; FOUCAULT, 2010).

Hoje a presença da diferença nos espaços de exibição busca romper com esta norma corporal e estabelecer uma flexibilidade nos padrões almejados, porém, não deixa de ser produto de valor para entreter os sujeitos ordinários (sem deficiência). Dessa forma, se explora a diferença das pessoas com deficiência, silenciando aquilo que possuem em comum com seus pares sem deficiência.

Veja como este processo de silenciamento do ordinário apaga a presença dos bailarinos sem deficiência que também compõem a Cia Holos. Por variadas vezes, estes bailarinos não são citados enquanto artistas que integram o coletivo, visto que a ênfase recai sobre a deficiência:

R1 - [...] apresentação de *dança de salão de cadeirante* da Cia Holos de Dança.

R4 - [...] a companhia, com *dançarinos cadeirantes* [...].

R5 - E, para mostrar o potencial inclusivo da arte e afirmar que tudo é possível, a Cia Holos de Dança, de Niterói, *composta por cadeirantes*, entra em cena [...].

Aqui a arte, o corpo e a própria pessoa são apagados em prol de uma reportagem mais interessante, um não-dito para produzir os sentidos almeçados no discurso da mídia. Contudo, se o sujeito se constitui ao mesmo tempo que os sentidos, as pessoas com deficiência estão sendo aqui constituídas na posição-sujeito de deficientes, esvaziados do ser pessoa, do seu valor enquanto membro da sociedade mais geral para alavancar um valor social específico localizado na deficiência, na falta, na limitação. Juntamente a elas, as pessoas sem deficiência que com elas trabalham são constituídas na posição-sujeito de não-artistas, ou até, de não-sujeitos, visto que estão ausentes do discurso, postos de lado enquanto não-deficientes, ordinários.

No lugar da arte, valoriza-se a deficiência. No lugar do corpo, valoriza-se a limitação evidenciada na deformidade do movimento. No lugar da estética da dança, valoriza-se o estranhamento de dançar sobre rodas. No lugar do artista, valoriza-se o esforço individual na superação de barreiras. A deficiência aparece como melhor incluída do que a pessoa que a possui. Logo, em um discurso que deveria valorizar a inclusão, o passado ainda se faz presente arrastando sentidos de integração e subvalorização.

Considerações finais

No presente trabalho exploramos como a ampliação dos discursos pró-inclusão e, especialmente, sobre as pessoas com deficiência no campo da arte e do esporte, pode se fazer presente na mídia e colocar em funcionamento sentidos conflitantes a partir da análise de reportagens sobre uma cia de dança em cadeira de rodas da cidade de Niterói-RJ.

Dentro do intervalo estudado - oito anos -, apenas cinco reportagens foram publicadas em jornais de ampla circulação sobre a atuação da cia, indicando a baixa demanda específica da modalidade na mídia, de forma que as publicações foram motivadas por eventos importantes e pontuais na região. Em contrapartida, a crescente valorização dos discursos em prol da inclusão, agregou valor a prática da dança em cadeira de rodas, culminando na centralidade conferida à deficiência dos integrantes da cia. Tal centralidade, nos discursos aqui analisados, contrasta avanços e equívocos sobre a inclusão, expondo conflitos do tempo presente.

De um lado, valoriza-se a inclusão social das pessoas com deficiência, de outro, reduz-se a compreensão da inclusão ao conceito de respeito, sem indicar ou problematizar ações efetivas para a sua promoção. De um lado, valoriza-se o diferente

e sua presença nos espaços ordinários, de outro, apaga-se o ordinário e tudo o que não tem a ver com a deficiência para que esta ganhe evidência acima da pessoa, da sua arte e das suas relações. O discurso enfatiza determinadas características da pessoa, reduzindo-a à sua condição física e aos símbolos da deficiência – a cadeira de rodas – silenciando a arte, o corpo e o que a faz ser pessoa.

Estes equívocos e silenciamentos contribuem para a manutenção de sentidos de integração, ou seja, práticas contrárias ao atualmente proposto e defendido para o segmento das pessoas com deficiência nos dispositivos legais e no discurso especializado. Como consequência, conquistas da cia aqui analisada ou de qualquer pessoa ou grupo em favor da inclusão, tem seu valor ofuscado pela valorização da deficiência em si.

Sob este prisma, a presente pesquisa reforça lacunas já sinalizadas anteriormente por Cavallari (2014), Medeiros (2014) e Baldim (2020) nos discursos pró-inclusão. Em especial, aponta para o deslizamento dos sentidos de inclusão para o de presença, e o excessivo foco na diferença em detrimento do que é comum a ambos os grupos sociais – pessoas com e sem deficiência.

A mídia, ao manter um discurso que estrutura e é estruturado na (re)produção dos sentidos postos constantemente em circulação pela mesma, carece de intervenção especializada e crítica em relação aos seus textos, seja com a capacitação de profissionais para lidar e produzir sobre a inclusão e a diferença, seja com a inclusão de profissionais especializados no segmento, de preferência, profissionais com deficiência no seu quadro editorial, a fim de trazer um olhar outro sobre o que é dito. De outro modo, sem uma intervenção valorativa e contínua, os discursos da mídia de massa tendem a seguir na (re)produção constante de sentidos depreciativos e integracionistas, dificultando o processo de mudança social.

Já no campo da arte, o presente artigo suscita a discussão sobre o valor conferido às obras artísticas assinadas por autores com deficiência, as quais parecem padecer com a ausência de um quadro referencial para apreciação enquanto produtos artísticos em si. Sem este quadro, essas obras tendem a ser reduzidas a reflexos da inclusão. Tal ausência reverbera no reconhecimento das modalidades artísticas e esportivas praticadas pelas pessoas com deficiência enquanto arte ou esporte. Isso porque, como vimos, a dança em cadeira de rodas e outras modalidades do gênero parecem ser entendidas como meios para um fim, ou seja, arte e esporte para a reabilitação e a inclusão, não como uma prática dotada de valor nela mesma.

É certo que há avanços e conquistas, mas estes dividem lugar no discurso com a manutenção de sentidos depreciativos. Este contraste aponta para o processo de mudança social em curso, sinalizando que as teorias pró-inclusão já desenvolvidas na literatura precisam ir além da construção de conceitos, se preocupando também com a apropriação dos conceitos no cotidiano das relações sociais, seja entre sujeitos ou instituições.

Diante de tal preocupação, se renova a necessidade de pesquisas que iluminam a mídia, os discursos e as práticas sociais do presente, associadas a investimentos sérios na educação e na transformação social em prol da valorização das pessoas com deficiência. Valorização esta que precisa escapar da visão integracionista do “conseguem fazer apesar de...”, clamando à valorização do ser e do fazer na singularidade, pondo em pauta uma prática digna de ser reconhecida e apreciada como tal, independente de quem a gerou.

Uma prática inclusiva propõe um corpo desatado de sentidos depreciativos, constituído em uma posição-sujeito de valor na sociedade em geral e no campo específico da arte e do esporte. O valor precisa igualmente estar calcado em uma materialidade que subsidia o respeito às diferenças no discurso e na prática. Desse modo, nos aproximamos da inclusão efetiva enquanto um processo de participação plena, em igualdade de condições, de sentido e de valor.

Referências

ALMEIDA, J. G. de A., REIS, F. N., BOMFIM, S. A. V. Dança-teatro inclusiva com cadeira de rodas: os sentidos de uma nova experiência In: **Trabalhos apresentados no II Congresso Internacional da Associação Latino-Americana de Ciências do Esporte, Educação Física e Dança – ALCIDED**. 1 ed. Juiz de Fora: NGIME/UFJF, 2015, v.1, p. 435-442.

AMIN, Júlia. Irreverência e ousadia bailam em mostra de dança. **Jornal O Globo**, Niterói, 21 de Ago. de 2015.

BALDIN, Arthur A. **A deficiência, o corpo e a mídia**: por uma comunicação com a pessoa e não com a sua deficiência. 2020. 63f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020. <https://repositorio.pucsp.br/bitstream/handle/23198/2/Arthur%20Acosta%20Baldin.pdf>

BARRETO, Michelle A. **Dança esportiva em cadeira de rodas:** construção/constituição, equívocos e legitimidade. 2011. 245 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011. <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/2064>

BOMFIM, Soyane de A.V. do; ALMEIDA, José G. de A; SANTOS, Dayana F. dos. Representações da dança inclusiva com cadeira de rodas para pessoas com deficiência. **Lecturas:** Educación Física y Deportes, Revista Digital. Buenos Aires, ano 17, nº 167, abril 2012. <http://www.efdeportes.com/efd167/danca-inclusiva-com-cadeira-de-rodas.htm>. Acesso em 22 ago. 2021.

BOMFIM, Soyane de A.V. do; ALMEIDA, José G. de A. Método Holos: uma proposta para a dança inclusiva com cadeira de rodas. **Lecturas:** Educación Física y Deportes, Revista Digital. Buenos Aires, ano 19, nº 195, Ago. 2014. <https://www.efdeportes.com/efd195/metodo-holos-danca-com-cadeira-de-rodas.htm>. Acesso em 22 ago. 2021.

BRASIL, Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]**, Brasília, DF, 07 jul. 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm

CAVALLARI, Juliana Santana. Equívocos que constituem o macrodiscurso político-educacional da inclusão. In: FERREIRA, Eliana L.; ORLANDI, Eni P. (org.). **Discursos sobre a inclusão**. Niterói: Intertexto, 2014.

COURTINE, Jean-Jacques. O corpo anormal: história e antropologia culturais da deformidade. In: COURTINE, Jean-Jacques. (Org.). **História do corpo:** as mutações no olhar: o século XX. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. vol. 3.

CRUZ, F. S.; MOURA, M. O. Os direitos humanos como produto: reflexões sobre a informação e a cultura da mídia. **Sequência**, n.65, p.79-102, 2012. Acesso em 30 ago. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/2177-7055.2012v33n65p79>

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FERREIRA, Eliana L. **Dança em cadeira de rodas:** os sentidos da dança como linguagem não-verbal. Dissertação (mestrado) – UNICAMP, Campinas, SP: [s.n], 1998. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000132174>.

FERREIRA, Eliana L. **Corpo-movimento-deficiência:** as formas dos discursos da/na dança em cadeira de rodas e seus processos de significação. Tese (doutorado) –

UNICAMP, Campinas, SP: [s.n], 2003. Disponível em:
<http://cutter.unicamp.br/document/?code=vtls000306091>.

FERREIRA, Eliana L. Dança Esportiva em Cadeira de Rodas. In: FERREIRA, Eliana L. **Atividades Físicas Inclusivas para Pessoas com Deficiência**. 2. ed. Niterói: Intertexto, 2011. vol. 5.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais**: curso no *Collège de France* (1974-1975). São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FRISZ, Ana E. Dança libertadora. **Jornal O Fluminense** – 2º Caderno, Niterói, 30 de Abr. de 2014.

GAIO, Roberta. GÓIS, Ana A. Dança, diversidade e inclusão social: sem limites para dançar. In: TOLOCKA, Rute E.; VERLENGIA, Rozangela (org.). **Dança e diversidade humana**. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GONÇALVES, Gisele Carreirão; ALBINO, Beatriz Staimbach; VAZ, Alexandre Fernandez. O herói esportivo deficiente: aspectos do discurso em mídia impressa sobre o Parapan-Americano 2007. In: PIRES, Giovani de L. (org.). **Observando o Pan Rio/2007 na mídia**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2009.

HILGEMBERG, Tatiane. Do Coitadinho ao Super-herói: Representação social dos atletas paraolímpicos na mídia brasileira e portuguesa. **CiberLegenda** - Revista do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual, n. 30, p. 48-58, 2014. Acesso em: 30 ago. 2021. Disponível em:
<https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36954/21529>.

LABAN, Rudolf. **Danza educativa moderna**. Barcelona: Paidós, 1984.

LOUREIRO, Cissa. Porque dançar é para todos. **Jornal O Fluminense** - 2º Caderno, Niterói, 15 de Fev. de 2014.

MEDEIROS, Caciane S. de. O discurso da inclusão pela diferença na relação mídia e sociedade. In: FERREIRA, Eliana L.; ORLANDI, Eni P. (org.). **Discursos sobre a inclusão**. Niterói: Intertexto, 2014.

MORAES, Ana Beatriz R. de. ALMEIDA, José G. Discursos dos coreógrafos de dança para pessoas com deficiência. In: ORLANDI, Eni P. et. al. Encontro de Estudos da Linguagem. 5. **Anais...** Pouso Alegre, MG: UNIVÁS, 2014.

NOVAES, Aline. Evento com atividades culturais e esportivas discute a diferença. **Jornal O Globo**, Niterói, 15 de Set. de 2012.

ORLANDI, Eni. P. **Discurso e texto**: formulação e circulação de sentidos. Campinas, SP: Pontes, 2001.

ORLANDI, Eni. P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2007.

ORLANDI, Eni, P. **Discurso em análise**: sujeito, sentido e ideologia. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2012.

ORLANDI, Eni, P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 11. ed. Campinas, SP: Pontes, 2013.

OSSONA, Paulina. **A educação pela dança**. São Paulo: Summus, 1988.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 4. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2009.

SANTOS, Silvan M. dos *et al.* Mídia e Jogos Paralímpicos no Brasil: a cobertura da Folha de S. Paulo entre 1992 e 2016. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte** [online], 2019, v. 41, n. 2, p. 190-197. Acessado em: 30 ago. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2018.03.012>.

SASSAKI, Romeu K. **Inclusão**: construindo uma sociedade para todos. 3. ed. Rio de Janeiro: WVA, 1999.

SILVA, Oto Marques da. **A epopéia ignorada**: a pessoa deficiente na história do mundo de ontem e de hoje. São Paulo: Cedas, 1987.

SILVA, Patrícia A. da; MALUF-SOUZA, Olímpia. Inclusão Social na/pela Mídia: modos de instalação do sujeito deficiente. **Entremeios** [Revista de Estudos do Discurso, Pouso Alegre (MG), vol. 22, p. 122-133, jul. - dez. 2020. Acesso em: 30 ago. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20337/ISSN2179-3514revistaENTREMEIOSvol22pagina122a133>

SIMONELLI, Angela P. *et al.* Enquadramento da temática da inclusão de pessoas com deficiência no trabalho em Jornal de grande circulação do estado do Paraná de 1991 a 2006. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional** [online]. 2020, v. 28, n. 2, pp. 452-466. Acessado em 30 Ago. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1988>.

SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença**: e se o outro não estivesse aí? Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SOARES, Ana P. Cruzamento de linguagens cênicas. **Jornal O Fluminense** – 2º Caderno, Niterói, 24 de Ago. de 2015.